

Cerimonial quebra

415 *longa tradição*

São João Del Rey — Os sinos da igreja de São Francisco de Assis tocavam o dobre correto para a importância do morto — dois agudos, dois médios e dois graves, com os sinos dando uma volta completa em torno de si mesmos — mas quando o caixão chegou os irmãos da venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis tiveram de romper, pela primeira vez, sua secular tradição e receberam Tancredo Neves das mãos de seis cadetes militares, como se ele tivesse sido apenas um irmão mesário, e não ministro.

«Foi uma imposição do cerimonial da presidência da República, que entrou em conflito com o nosso ritual, mas assim tinha de ser feito e assim foi feito, conforme os disignios do Senhor», explicou depois, resignadamente, o síndico da venerável Ordem Terceira, Alfredo Carvalho, lembrando com saudade o distante dia 19 de outubro de 1926, em que Tancredo ingressou na Ordem, aos 16 anos, e ganhou com isso o direito de ser enterrado ali, onde descansam todos os mortos da grande família Neves.

Tancredo Neves nasceu num tempo em que esta velha e histórica cidade ainda avisava seus cidadãos dos grandes acontecimentos, mas também dos pequenos, com a hoje esquecida linguagem dos sinos. Havia — e a Ordem Terceira ainda guarda essas tradições — dobres de finados para crianças mortas, para o papa, para os padres, para as irmãs de caridade, para os irmãos da própria Ordem, de acordo com sua posição hierárquica.

«Há dobres de agonia longa, quando alguém sofre para morrer; o dobre do Angelus, o dobre avisando um incêndio ou as dificuldades de uma mulher para dar a luz a seu filho; há uma infinidade de dobres, meus filhos, e eu os conheço todos», diz Alfredo Carvalho.